

# Os (des)caminhos da linguagem de Vilém Flusser: Os itinerários de suas línguas como engajamento e encontro

20

**Jair Inácio Tauchen<sup>1</sup>**

PUCRS

**Resumo:**

O propósito deste texto é apresentar o filósofo tcheco brasileiro Vilém Flusser, de origem judaica, exilado no Brasil, que adotou o português para se comunicar e se engajar na cultura e sociedade brasileira. Sua *Bodenlosigkeit* (falta de fundamento) permitiu a circulação, entre diversas línguas, dos mais de trinta livros e centenas de artigos publicados em revistas e jornais traduzidos e retraduzidos por ele mesmo.

**Palavras-chave:** Flusser. Língua. Engajamento.

**Abstract:**

The aim of my article is to present an outline of life and works of Vilém Flusser, a Czech-Brazilian philosopher of Jewish origin, who was exiled in Brazil and adopted Portuguese in order to communicate and to get an engagement with the Brazilian culture and society. His *Bodenlosigkeit* (groundlessness) made possible the circulation through several languages of more than thirty books and hundreds of articles, published on journals and magazines, translated and translated again by himself.

**Key-words:** Flusser, Language, Engagement.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia PUCRS, bolsista CAPES/DAAD PROBAL.

Ao ler as obras de Vilém Flusser, é recomendável considerar sua condição de exilado, sua experiência de judeu expulso de sua terra, forçado a viver um corte radical com sua origem. Como outros pensadores exilados e sobreviventes da perseguição nazista, desenvolveu estudos que o caracterizaram como importante filósofo, comunicólogo e teórico da mídia do século XX, que escreveu e publicou muito no Brasil, mas teve que se exilar mais uma vez na Europa, para ser lido e ouvido, também aqui. Neste sentido, é importante apresentar alguns aspectos da sua teoria da judeidade e dos conceitos de *Heimatlosigkeit* (“apatricidade”) e de *Bodenlosigkeit* (falta de fundamento). Esses conceitos devem ser compreendidos dentro do panorama intelectual da segunda metade do século XX.

Sua *Bodenlosigkeit* (falta de chão e de fundamento) permitiu-lhe ser nômade entre as diversas línguas e linguagens em virtude do seu pensamento livre e fluante, que inventa e reinventa a si mesmo, sempre levantando âncoras para revelar novos caminhos. Outro ponto de interesse é apresentar o processo comunicativo de um pensador que foi além da língua mãe, que se deixou fluir no rio da linguagem – lembrando que a palavra alemã para “rio” é “fluss” – empregando a língua portuguesa para comunicar-se e engajar-se na cultura e sociedade brasileira.

No seu livro autobiográfico *Bodenlos*, elabora uma reflexão sobre a sua origem judaica e o período de exílio de mais de 30 anos (1940 – 1972) em São Paulo. Finaliza o livro dizendo: “sou apátrida, porque em mim encontram-se armazenadas várias pátrias. (...) Sou domiciliado em no mínimo quatro idiomas e me vejo desafiado e obrigado a traduzir e retraduzir tudo o que tenho a escrever” (FLUSSER, 2007, p. 294). O texto, de um modo geral, apresenta uma reflexão teórica entre a diferença do gesto de habitar e o de possuir uma pátria. Desde a sua origem, o homem sempre habitou algum lugar, sem necessariamente fixar moradia; recentemente é que se tornou anexado a uma pátria. Agora, pode-se mudar de pátria, ou até mesmo não tê-la, mas é sempre preciso morar, não importa onde.

Flusser fixou morada em São Paulo no ano de 1941 e passou a tomar contato com a cultura brasileira, o que marcou o curso de sua vida. Inicialmente dedicou-se aos negócios da família com atribuições burocráticas. Manteve-se afastado do âmbito cultural até

a segunda metade dos anos 50. No final desse período, aproximou-se de intelectuais como Milton Vargas, Vicente Ferreira da Silva e Miguel Reale<sup>2</sup>. Passou a frequentar o Instituto Brasileiro de Filosofia fundado por Miguel Reale e tornou-se membro do Instituto em 1962. A partir de 1960 passou a atuar como professor e colaborador da *Revista Brasileira de Filosofia*.

Como professor de história da filosofia no Instituto Brasileiro de Filosofia e como escritor nos jornais, Flusser teve oportunidade de expor sua produção filosófica a um público diversificado. Entretanto, a abrangência dava-se praticamente na cidade de São Paulo. Sua produção e seu modo de conceber os temas filosóficos ainda não tinham ecoado na cidade do Rio de Janeiro, cidade esta que até 1961 fora a Capital do Brasil e referência na área cultural. Trabalhou por dois anos na Escola de Arte Dramática, sendo o responsável pela disciplina *História do Espetáculo e Teoria da Máscara*. “Esse dado é relevante, nesta apresentação, como indicador do interesse do filósofo em direção ao campo artístico” (BERNARDO, Org., 2000, p. 196). Em 1967, é convidado por Milton Vargas a ocupar o posto de professor assistente na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP). Atuou também como professor entre 1968-1972, na Faculdade de Comunicação FAAP – Fundação Armando Álvares Penteado.

Flusser foi um dos poucos filósofos que escreveu suas obras, mais de trinta livros, além de centenas de artigos publicados em revistas e jornais, em várias línguas, traduzindo e retraduzindo a si mesmo do alemão para o português, do português para o inglês, do inglês para o francês, ou escrevendo para a língua em que a obra seria publicada. No caso de Flusser, a tradução, além de ser uma ferramenta no ato de escrever, mostrava-se como uma arte, uma forma particular de pensar e escrever. “Cada novo esforço de escrever é uma tentativa

---

2 Milton Vargas (1914-2011) foi professor emérito da Escola Politécnica da Universidade São Paulo (EPUSP), membro fundador do Instituto Brasileiro de Filosofia e pertenceu à Academia Paulista de Letras. Vicente Ferreira da Silva (1916-1963) nasceu em São Paulo e morreu precocemente em acidente de carro aos 47 anos. Formado em Direito, nunca exerceu a profissão de advogado, tendo-se dedicado inteiramente à filosofia. Em 1949 ajudou a fundar o Instituto Brasileiro de Filosofia. Segundo Miguel Reale, foi o filósofo com a maior vocação metafísica do Brasil. Miguel Reale (1910-2006) foi filósofo, jurista, educador e poeta brasileiro. Formou-se pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (1934), foi professor e por duas vezes foi reitor da mesma Universidade (1949-1950; 1969-1973). Também foi fundador do Instituto Brasileiro de Filosofia o qual presidiu até sua morte, em 2006.

de traduzir o que já havia escrito, mas em novo contexto e novo nível de significado” (BERNARDO, Org., 2008, p. 61). Por exemplo, certa vez, por carta, Flusser explicou para a pintora Mira Schendel porque traduzia a si mesmo. Normalmente escrevia primeiro em alemão, “que é a língua que mais pulsa no meu centro”. Posteriormente traduzia para o português, “que é a língua que mais articula a realidade social na qual me tenho engajado”. Depois traduzia para o inglês, “que é a língua que mais articula a nossa situação histórica e que dispõe de maior riqueza de repertório e forma”. Por último traduzia para a língua em que o texto fosse publicado – “por exemplo, retraduzo para o alemão, ou tento traduzir para o francês, ou reescrevo em inglês”. A intenção era “penetrar as estruturas de várias línguas até um núcleo muito geral e despersonalizado para poder, com tal núcleo pobre, articular a minha realidade”. Não costumava escrever em tcheco porque considerava a língua materna adocicada e de pouca expressividade, embora comentasse sem modéstia alguma: “eu falo tcheco em várias línguas” (FLUSSER, 2004, p. 10).

A Praga<sup>3</sup> de Flusser, Kafka e Rilke, é uma cidade marcante e ao mesmo tempo supera todas as diferenças nacionais, sociais e religiosas, imprimindo aos seus cidadãos sua marca indelével. Foi centro da cultura tcheca, judaica e alemã, o que provocou grande riqueza de ideias e tornou-se inteiramente outra com a eliminação dos judeus. Ela era internacionalista (e não ideologicamente), pois as pessoas sentiam na própria existência o ridículo de se fazer diferenças entre povos, frisava Flusser, ao mesmo tempo em que se apresentava como judeu assimilado, não-ortodoxo e não-sionista. A comunicação dava-se de forma privilegiada através de duas línguas maternas: tcheco e alemão. O aspecto linguístico era um privilégio no momento em que se possuía duas línguas maternas. As diferenças entre o eslavo e o germânico, segundo o filósofo, não eram identificadas apenas como diferença, mas como complemento. A autoidentificação tornava-se irrelevante, por exemplo, se era tcheco, alemão ou judeu. Flusser identificava-se simplesmente como praguense, que era sua base: “Praga é clima

---

<sup>3</sup> Praga tem uma característica marcante como poucas cidades, o que leva Flusser a repensar a diferença entre “civilização” e “cultura”. Segundo o filósofo, “cultura é produto da agricultura. É ela um ‘colher’ (*colere*) das coisas arrancadas da natureza. Civilização é produto da vida urbana. É ela a tentativa de informar significativamente a vida do ‘cidadão’ (*civis*). É formação, não colheita. Poucas cidades têm tal poder formativo” (FLUSSER, 2007, p. 23).

existencial, e todos os nivelamentos, com suas múltiplas tensões, ocorrem em tal clima” (FLUSSER, 2007, p. 24).

Todo esse encantamento ruiu no momento em que a realidade da invasão nazista, primeiramente em Viena, na Áustria, torna-se iminente; refugiados narravam os acontecimentos em que os coirmãos eram assassinados sistematicamente. Essa experiência não era própria de Viena, mas temporalmente própria da Idade Média e geograficamente própria da África Central e, segundo o filósofo, era um pesadelo constante que se operacionalizava entre a realidade das notícias do dia e o temor dos sonhos à noite. O desejo era fechar os olhos para o que acontecia em Viena na esperança de que tudo passasse. Muitos foram vítimas dessa tentativa. Para Flusser, “agarravam-se à Praga como a um *iceberg* que flutuava em correnteza quente” (FLUSSER, 2007, p. 34). O sionismo apresentava-se como ponte sobre o abismo no momento em que passa a considerar a possibilidade de uma vida agrária na Palestina. Mas essa possibilidade era o mesmo que trair sua essência no mundo, pois faltava aptidão para a tarefa. Flusser questionava-se: “ir para a Palestina e fazer o quê?”. Como criar uma nova realidade na ausência de fundamento? A possibilidade de ser assassinado pelos nazistas era a solução mais fácil. Sua própria afirmação confirma essa possibilidade: “mas a gente mesmo estava perdendo o chão debaixo dos pés, e preparava-se para ser assassinada” (FLUSSER, 2007, p. 35).

Os alemães chegaram e provocaram modificações profundas em Praga. Embora o acontecimento fosse esperado, não se acreditava que fosse possível. Sentiam-se como animais, açoitados pelas feras esperando o momento oportuno para dar o bote. A presença nazista representava o rosto do mal. Procuravam-se respostas invocando todo conhecimento, cultura e fé, mas a resposta não vinha. A possibilidade de fugir para o Ocidente tornou-se realidade mesmo sabendo que tal decisão “equivale ao sacrifício da dignidade em prol da sobrevivência do corpo” (FLUSSER, 2007, p. 37). A fuga era perigosa, mas diante da morte praticamente certa pelos nazistas ela se tornava condição razoável, e diante destes acontecimentos “a falta de fundamento tinha se iniciado” (FLUSSER, 2007, p. 38).

A fuga, para Flusser, representava a morte, porque ao olhar os rostos dos familiares poder-se-ia visualizar máscaras de morte.

Quando surgiram notícias das mortes terríveis impostas pelos alemães, não mais impressionavam, porque as execuções nazistas significavam a concretização do projeto de morte.

Após a fuga, Londres tornou-se local de moradia por cerca de um ano onde viveu na prática o *Bodenlos*, sem chão, ocasião em que aprofundou seu conhecimento na língua inglesa, que admirava pela riqueza e praticidade. Inicialmente Flusser procurava preencher duas condições na permanência em Londres: a primeira consistia em trabalhar e em ganhar dinheiro para o sustento, tarefa que, segundo ele, era fácil, pois não importava o tipo de trabalho; a segunda consistia em conservar o papel de observador distanciado, também fácil, já que essa era a sua própria condição de imigrante (FLUSSER, 2007, p. 41). Com a possibilidade dos nazistas invadirem a Inglaterra era necessário emigrar para novos territórios no qual o fato de ser judeu representava apenas uma sombra. Terras inteiramente fora do contexto e da realidade se apresentavam; o Brasil seria o seu destino e, para isso, teria que aceitar o batismo católico como um meio para a obtenção do visto. Mais uma vez Flusser juntou-se à família Barth para uma nova jornada em outro país, dessa vez de barco. Nas palavras de Flusser, o sentimento de fuga para lugares fora de toda realidade: “Para a Tailândia ou o Brasil, por exemplo. É claro e deve ser confessado: a decisão para a emigração era parcialmente motivada pelo medo da morte do outro” (FLUSSER, 2007, p. 46).

A viagem a partir da Inglaterra para o Brasil em 1940 é a nova realidade. Ao desembarcar no porto do Rio de Janeiro recebe a notícia da execução de seu pai e das primeiras deportações em massa. São Paulo é a cidade escolhida para viver. O filósofo critica o desenvolvimento da industrialização de São Paulo especialmente porque nasce com os lucros da guerra e na produção de carros blindados para a batalha. Ele resume a nova realidade na cidade de São Paulo nos seguintes termos: “Este o clima existencial dos primeiros anos em São Paulo: os fornos nazistas no horizonte, o suicídio pela frente, os negócios de dia, e a filosofia de noite” (FLUSSER, 2007, p. 50).

Diante do clima existencial da realidade brasileira e da falta de fundamento atestada pelo próprio filósofo quando expressa que estar no Brasil equivalia a estar em Marte, a filosofia apresentava-se como

caminho atenuante<sup>4</sup>. Ao questionar-se “Por que a gente não se matou?”, responde de duas maneiras: não se matou por covardia, por temer as dores da morte; não se matou porque sentia coragem, porque acreditava que tinha alguma tarefa a cumprir. Aparentemente contraditórias, ambas as respostas possuem uma verdade: “a possibilidade de matar-se hoje, e de não ter que enfrentar o amanhã, tornou viável o amanhã, e o fazia diariamente” (FLUSSER, 2007, p. 59). O sentimento de morte e suicídio o acompanhou de perto nos primeiros anos no Brasil, pois considerava sua existência miserável. Era infeliz na atividade profissional porque não gostava do mundo dos negócios e não apresentava talento para a administração. “Edith sempre o acompanhava no caminho para o trabalho, com medo de que ele pudesse se matar. Seu marido lhe parecia indiferente e perdido, uma pessoa ‘louca’ que simplesmente não sabia ou não podia se orientar naquele mundo” (BERNARDO, Org., 2008, p. 25). Restava ler os filósofos não apenas para adquirir conhecimento, ou valores, mas para divertir-se. O repertório das leituras e dos autores era limitado na cidade de São Paulo em virtude da própria guerra.

A dificuldade de Flusser inserir-se no contexto brasileiro era diagnosticada por ele como falta de fundamento. O problema não era no sentido de orientar-se no mundo, mas de poder engajar-se nele novamente e encontrar uma maneira de resolver o problema do engajamento e de sua contradição. O engajamento revela-se na reflexão das ilusões provocadas pelo ambiente brasileiro e ao mesmo tempo na simpatia transmitida por esse ambiente. Sente uma sensação de responsabilidade diante da miséria e dos problemas sociais e culturais que caracterizavam o Brasil. Tinha consciência que tal conjuntura advinha de uma sociedade hierarquizada e ordenada por níveis de cultura e economia, e que São Paulo representava um degrau mais baixo em tal hierarquia. Para integrar-se na natureza brasileira é necessário colocar raízes na realidade não-histórica, ou seja, manter-se afastado da história, da cultura e da realidade europeia. Aceitar como desafio a imensidão da terra brasileira, cuja população aglomerava-se ao longo da costa e despovoava-se no seu interior. O desafio é encontrar-se a si próprio dentro da vastidão dessa terra.

---

4 Flusser comenta duas sentenças que ajudavam a iluminar “a noite do desespero paulista. A wittgensteiniana: ‘Não **como** o mundo é é o mistério, mas **o que** o mundo é’. A Kafkiana: ‘Passei a vida combatendo a vontade de acabar com ela’” (FLUSSER, 2007, p. 59).

Para atestar a falta de fundamento na sociedade e na cultura, Flusser utiliza exemplos a partir da botânica, astronomia e lógica. No primeiro exemplo, o termo “absurdo”, que significa “sem fundamento” no sentido de “sem raízes”, é representado por uma planta posta em vaso, pois a tendência é botar raízes e penetrar no solo. As flores sem raiz representam a falta de fundamento. No segundo exemplo, refere-se ao termo “absurdo” como “sem fundamento” no sentido de “sem significado”. Caso se pergunte sobre o porquê de o sistema planetário girar em torno do sol, as respostas possivelmente não terão um caráter de exatidão e parecerão absurdas. No terceiro exemplo, referindo-se à lógica, o termo “absurdo” significa “sem fundamento” no sentido de “sem base razoável”. A sentença que afirma que duas vezes dois são quatro às sete horas em São Paulo é uma forma de pensar absurda, porque não se pode aplicar o conceito de verdadeiro e falso: são ambas as coisas e também nenhuma delas. Através desses exemplos, Flusser deseja atingir o clima da religiosidade, que dá origem às religiões e constitui um meio de proporcionar fundamentos. Mas também pode ser o clima no qual as religiões periclitam porque os fundamentos são destruídos pelo clima do absurdo. O homem tem experiência de tal clima religioso – ainda que indiretamente – nas manifestações culturais vivenciadas no surrealismo, na filosofia existencial e no teatro que representa o absurdo. São épocas de ruptura como, por exemplo, o final da Antiguidade, o final da Idade Média e a Contemporaneidade onde a falta de fundamento revela e encobre a verdade (FLUSSER, 2007, p. 21).

A atitude de aproximação com a cultura brasileira visava o engajamento e o objetivo de aprender e compreender a cultura o mais intimamente possível, a fim de interagir nela, o que provoca marcas na sua vida e leva o filósofo a classificar a relação de cultura e vivência a partir dos seguintes modos:

(i) A primeira é a cultura a que se pertence por nascimento. É o ambiente no qual se vive. É determinante no sentido que ali foi lançado na origem. É vivenciada por muitos como apenas uma entre várias culturas existentes e possíveis. Tal situação não exclui informações sobre outras culturas, pois as informações dadas não são tomadas como alternativa, mas como problemas no âmbito da própria cultura. A cultura estrutura o universo todo e engloba todas as culturas. Flusser



exemplifica: “De forma que não ‘descubro’ a cultura brasileira se estudo em Praga, mas a encubro, pelo contrário, com a cultura praguense (faço o que pode chamar-se ‘culturologia brasileira’ com os métodos e as categorias da cultura praguense)” (FLUSSER, 2007, p. 86).

(ii) A segunda vivência ocorre na transcendência da própria cultura, numa situação de falta de fundamento no momento em que se plana num complexo conjunto de outras culturas. Isso provoca problemas ao adentrar-se nessa cultura, na sua hierarquia e nos seus abismos culturais. Para Flusser, “tal visão permite comparações entre culturas, mas exclui toda valoração e, portanto, todo engajamento em determinada cultura” (FLUSSER, 2007, p. 87).

(iii) A terceira ocorre no encontro entre duas culturas que se chocam e o exemplo clássico é a situação do imigrante. A imigração transporta o sujeito a outra cultura e faz com que ele experimente essa cultura de fora pra dentro. Assim, deve absorver as duas culturas nas quais se encontra e fazer com que a nova substitua a anterior na sua forma. Uma realidade vai ser substituída por outra e, segundo Flusser, não se abre o abismo da falta de fundamento, porque o processo de substituição é lento e se passa inconscientemente por um longo tempo na vida do imigrante (FLUSSER, 2007, p. 89). O problema de assimilação é transmitido para filhos e netos e em nenhum momento é constatada uma passagem automática de uma cultura para outra; ela é imperceptível até que a nova realidade seja vivenciada. No entanto, a realidade de Flusser foi diferente, o que pode ser observado nesse comentário:

A gente mesmo nunca passou por tal vivência, e nisto se distinguia de todos os demais imigrantes com os quais tinha contato. Nos primeiros dez anos de vida brasileira, a cultura do país era para a gente uma entre muitas, que a gente observava a partir da distância proporcionada pela falta de fundamento. E, subitamente, a gente tomou a decisão (*Entschluss*) de engajar-se nela de forma que a vivência que a gente tinha não se enquadrava em nenhum dos tipos de vivência que acabam de ser esboçados. De passagem seja dito que isto explica, em parte, o fato curioso de que doravante a gente se sentia muito mais ligado a “brasileiros natos” que aos imigrantes (FLUSSER, 2007, p. 89-90).

O fato de sentir-se brasileiro deve-se ao engajamento da cultura, facilitada e observada nitidamente na forma da língua brasileira. A língua é a vivência fundamental da cultura. A nova língua é meio de

comunicação com o novo ambiente. Para o filósofo, o imigrante no Brasil aprende português para comunicar-se com os brasileiros e assim passa a ser dominado pelo português, estruturando seus pensamentos e sua realidade. Para ele o engajamento na cultura brasileira passava pelo engajamento da língua brasileira o que significa que a língua era absorvida não apenas para contatos com os brasileiros, mas como instrumento de articulação, como matéria-prima para ser vivenciada. O objetivo era penetrar na essência da língua portuguesa e permitir a modificação da realidade. Conforme Flusser, “a gente procurava ser dominada pelo português a fim de dominá-lo, e engajar-se nele a fim de utilizá-lo no engajamento em prol da sociedade brasileira. A síntese de tal dialética, a meta do engajamento, era tornar-se escritor brasileiro” (FLUSSER, 2007, p. 91).

Paulatinamente, Flusser ficou conhecido na Alemanha, no final da década de 1970, quando pessoas interessadas em filosofia de novas mídias descobriram o seu livro *Für eine Philosophie der Fotografie* (*Para uma Filosofia da Fotografia*). Assumiu o desafio de apresentar um futuro moldado pela mídia que o tornou famoso na Alemanha, especialmente através da filosofia da fotografia e conseqüentemente rotulado como teórico da mídia de forma equivocada. No Brasil, o livro foi editado em 1983 e recebeu o título de *Filosofia da caixa preta*.

Apesar de residir por dez anos na França, a filosofia de Flusser ganhou adeptos na Alemanha. Uma explicação para o crescente interesse pelas suas obras muito se deve ao caráter emancipatório de suas ideias. Mesmo vivendo no Brasil, afastado dos grandes centros dos debates intelectuais, antecipou discussões que ainda hoje se encontram em processo introdutório. Teóricos contemporâneos perceberam uma mudança na estrutura da sociedade, o que fez com que anunciassem uma nova formação social denominada de “pós-moderna”, na qual a comunicação eletrônica assume posição de vanguarda. O que separou Flusser de outros pensadores contemporâneos foi a sua capacidade de compreender de forma singular o potencial pós-moderno. Seu diferencial também se fazia presente no perfil de seus seguidores – na sua maioria jovens artistas e intelectuais – e no seu conceito de pós-história que diferia de outros conceitos esboçados por outros estudiosos.

A academia tradicional tinha dificuldade em aceitar o estilo não-convencional e provocativo do filosofar de Flusser. Recusava-se a citar outros autores ou usar notas de rodapé em seus escritos, o que o desqualificava de alguma forma como acadêmico; quando interrogado sobre essa prática, afirmava que não fazia filosofia para academia. Muitos apontavam o caráter especulativo e até mesmo a falta de seriedade no trato com a filosofia, mas nem sempre deixavam claro o porquê da crítica e a mesma não se dava de forma explícita. No entanto, seu amplo conhecimento em vários campos da filosofia e o domínio dos idiomas, fazia dele uma ameaça. O carisma, a convicção, o método de exposição da sua argumentação, ou cativava ou afastava seus ouvintes.

Para muitos o seu trabalho provocava dúvida, porque falar do fim da história e da escrita fazia dele um “profeta” diante dos estudiosos. Qual tipo de mundo previa: bom ou ruim? Flusser afirmava que as máquinas assumiriam o controle do mundo e que os seres humanos estariam reduzidos às pontas dos dedos e à capacidade de pensar. Estava deslumbrado com o surgimento das imagens técnicas e ao mesmo tempo criticava a escrita por ser um código complicado e sujeito a desaparecer. No entanto, identificava-se com o gesto da escrita e considerava-se uma espécie em extinção no momento em que usava uma máquina de escrever manual e portátil. Essa contradição era demais para os críticos de Flusser e por isso interpretavam mal os conceitos de pós-história e o confundiam como teórico dos *media*.

Seus argumentos relacionados às imagens técnicas, aos computadores e ao modo como as imagens afetam nosso pensamento e a sociedade, levavam facilmente Flusser a ser agrupado na categoria dos *media*, na estrutura disciplinar da comunicação, concepção obsoleta e inadequada, porque ela é muito limitada. O seu maior interesse, o centro de sua obra, não são os *media*, mas os seres humanos com a sua capacidade de criar e pensar, e a possibilidade de mudar o mundo e a si mesmos. O próprio Flusser não se considerava um teórico da mídia (BERNARDO, Org., 2000, p. 51-54). A sua obra compreende um vasto conjunto de ensaios difundido em vários livros e todos os escritos em múltiplas línguas. Por exemplo, fábulas, textos sobre a escrita, a linguagem, a imagem técnica, a fotografia, sobre o diabo e,

também, estudos sobre design, arte, cinema, natureza, vida cotidiana. Assim, pode-se inferir que o seu trabalho não é limitado a uma área de investigação ou a uma disciplina específica.

Decidido a fazer da língua um dos temas de sua reflexão, iniciou suas pesquisas para escrever seu primeiro livro, *Língua e Realidade*, publicado no Brasil em 1963. Foi escrito em português por um filósofo tcheco que usualmente escrevia em alemão. A partir da redação do livro, Flusser sentiu-se incorporando o português como uma terceira língua materna. Provoca uma ligação entre duas grandes correntes filosóficas de seu tempo, a fenomenologia, em especial o pensamento de Heidegger e a filosofia da linguagem de Wittgenstein. Defende que a língua é realidade, cria realidade, forma realidade e propaga a realidade. Entende que universo, conhecimento, verdade e realidade constituem aspectos linguísticos e tudo aquilo que é percebido por meio dos sentidos e que se chama de “realidade” é dado bruto, que se torna real no contexto da língua, única criadora da realidade (FLUSSER, 2004, p. 12). No entanto, como as línguas são diferentes na sua estrutura, as realidades criadas por elas também diferem. O esforço de Flusser é apresentar a língua, com toda a sua riqueza de encontro e diferença, como instrumento herdado dos pais e cujo aperfeiçoamento conta com a colaboração de muitas gerações, desde a origem da humanidade. Ela representa a sabedoria da raça humana, uma ligação com os antepassados, uma obra de arte, porém, imperfeita.

A maior parte daquilo que forma e informa o intelecto é constituído de palavras, considerado a matéria-prima do pensamento. Elas transitam através dos sentidos, são organizadas, agrupadas, formando frases e quando esse conjunto de frases torna-se perceptível através de acordos e regras preestabelecidas, Flusser chama de língua (FLUSSER, 2004, p. 41). As palavras apreendidas e compreendidas como símbolos, são resultados de acordos, que possuem significado, como, por exemplo, para os cristãos, o sinal do peixe é o símbolo do Cristo; para as regras do trânsito, as placas organizam as normas, fazendo com que os motoristas obedeam aos acordos sobre o significado do sinal.

Ao comentar o processo da informação, Flusser (2007, p. 115-117) apresenta uma diferença entre diálogo e discurso. O discurso é o processo em que as informações são transmitidas através de emissores

aos receptores. É a propagação das informações no tempo, o que confere um caráter tradicional e conservador, dinâmico e progressivo: tradicional porque o receptor está conectado às fontes informativas da cultura; conservador porque o discurso preserva as informações de uma dada cultura; dinâmica porque as informações são passadas do passado para o futuro; e progressivo porque o discurso ramifica as informações e atinge camadas mais amplas. O clima existencial do discurso está ligado aos emissores (publicitários, pregadores, professores) que estão de posse das informações e que se dedicam à transmissão aos receptores conferindo-lhes valor.

O diálogo, ao contrário, é o processo em que vários detentores de informações parciais e duvidosas trocam informações entre si, com o objetivo de atingir uma síntese que passa a ser considerada uma nova informação. Portanto, o diálogo visa a elaboração de uma informação nova. O clima existencial do diálogo exige o engajamento de políticos, filósofos e artistas que estão de posse de informações duvidosas e dedicam-se a colocar essas informações à prova, a fim de torná-las válidas.

Por fim, em 1991, Flusser retornou para Praga, pela primeira vez depois da guerra, para proferir uma palestra a convite do Instituto Goethe. A conferência foi um sucesso e o emocionou de tal forma que não percebe que está alternando constantemente a língua. Falava em alemão, em tcheco, em português e é sua esposa, Edith, quem o avisa que a plateia não está entendendo nada. No dia seguinte, passeando com a mulher pela cidade natal, morre num acidente de carro e é enterrado no cemitério judaico de Praga. Com o seu marcante (des)caminho pelas linguagens e seu itinerário pelas línguas, sua pedra tumular apresenta inscrição em três idiomas: hebraico, tcheco e português.

Assim, Vilém Flusser, que nasceu na cidade de Praga a 12 de maio de 1920, apenas dois anos depois do nascimento do seu país, a Tchecoslováquia, faleceu no dia 26 de novembro de 1991, dois anos antes de seu país natal, a Tchecoslováquia, se dividir em República Tcheca e Eslováquia.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BERNARDO, Gustavo (Org.). *A filosofia da Ficção de Vilém Flusser*. São Paulo: Annablume: Rio de Janeiro: Faperj, Instituto de Letras da UERJ, 2011.

\_\_\_\_\_, FINGER, Anke; GULDIN, Rainer. *Vilém Flusser: uma introdução*. São Paulo: Annablume, 2008.

BERNARDO, Gustavo; MENDES, Ricardo (Org.) *Vilém Flusser no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

BRAYNER, André (Org.). *Vilém Flusser: Filosofia do desenraizamento*. Porto alegre: Clarinete, 2015.

33

DUARTE, Rodrigo. *Pós-história de Vilém Flusser: gênese-anatomia-desdobramentos*. São Paulo: Annablume, 2012.

MARTINS, Cláudia Santana. *Vilém Flusser: a tradução na sociedade pós-histórica*. São Paulo: Humanitas: FAPESP, 2011.

FELINTO, Erick; SANTAELLA, Lucia. *O explorador de abismos: Vilém Flusser e o pós-humanismo*. São Paulo: Paulus, 2012.

FLUSSER, Vilém. *Língua e realidade*. 2° edição. São Paulo: Annablume, 2004.

\_\_\_\_\_, *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 2007.

\_\_\_\_\_, *Pós-História: vinte instantâneos e um modo de usar*. São Paulo: Annablume, 2011.

\_\_\_\_\_, *A escrita – Há futuro para a escrita*. São Paulo: Annablume, 2010.

\_\_\_\_\_, *Ficções Filosóficas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_, *Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Annablume, 2011.

\_\_\_\_\_, *Ser Judeu*. São Paulo: Annablume, 2014.

\_\_\_\_\_, *A dúvida*. São Paulo: Annablume, 2011.

\_\_\_\_\_, *Gestos*. São Paulo: Annablume, 2014.

\_\_\_\_\_, *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

SERRA, Alice Mara; DUARTE, Antonio de Paiva; FREITAS, Alves (Orgs.). *Imagem, imaginação, fantasia: 20 anos sem Vilém Flusser*. Belo Horizonte: Relicário, 2014.